

Minha viagem entre as línguas: uma reflexão sobre poesia, pátria e migração

Prisca Agustoni

Enquanto releio fragmentos do *Ulisses* de Joyce para preparar uma aula, me deparo com a cena de Bloom, que dialoga com um cidadão, no bar. Uma cena paradigmática daquilo que me queima por dentro. O cidadão está fechado em suas convicções que falam de raízes e purismos, enquanto Bloom erra, vagueia entre ideias e pontos de vistas móveis, tentando deslocar as fronteiras ideológicas do seu interlocutor, naufragando em suas incertezas e fazendo da humanidade em sentido amplo uma condição existencial que nos torna cidadãos do mundo.

Penso na releitura em chave joyceana da odisseia de Homero, daquele movimento de partida para explorar outras terras para depois voltar a si – que justamente em Joyce se faz desafio moderno e angustiante para a procura dos outros escondidos dentro de nós, do múltiplo, do plural, daquilo que inclusive é desviante. *Je est un autre*, como nos ensinou Rimbaud. Uma espécie de deriva no arquipélago da existência. Penso naquilo que me aproxima dessa forma de existir à maneira de um Ulisses-Rimbaud contemporâneo: reflito sobre os vários modos de partir, sobre o viver com a consciência de uma despedida iminente, que na verdade é nossa condição de vida a partir de quando temos consciência disso. E no fundo me pergunto se nesse vagar de Bloom entre as ruas de Dublin ou entre as esquinas de sua psique não estou encontrando inclusive minha própria deriva, o movimento do nosso ser errante. De nosso constante gesto de semear na terra para uma floração futura – a promessa de um retorno.

Penso então em minha odisseia pessoal e literária, em como conjuguei essas infinitas partidas com a escavação interior, e como a palavra (especialmente a palavra poética) é para mim um filtro que separa o essencial do supérfluo – o que dizer, como dizê-lo e porque seja necessário dizê-lo.

Sou uma poeta suíça de língua italiana, cuja língua materna é um dialeto que não sei escrever. Escrevo e me autotraduzo também em francês e em português. Assumir a língua do outro e ser habitada pelos outros foi meu modo de ser singular e plural ao mesmo tempo, um *je est un autre* como um mantra nunca revelado. Fiz do meu “naufragar” uma espécie de arquipélago cheio de portos e de ilhas onde encontro casas linguísticas-poéticas para estar e pausar. Junto com os outros.

Esse movimento pendular fez de mim um ser metamórfico, ou assim gosto de me considerar: uma poeta à escuta das muitas singularidades que me habitam, que abriram um sentido (pensado aqui como rumo, mas também como significado) na minha maneira de olhar para um mundo que é contraditório, plural, nunca sujeito a fáceis simplificações ou leituras unilaterais. Considero esse roteiro como uma escavação no interior das estratificações que compõem a procura de uma linguagem poética – declinada em diferentes idiomas, mas mesmo assim sempre em sintonia com uma única linguagem, a poética, meu instrumento de aderência ao mundo.

Escrever em vários idiomas, atravessar fronteiras geográficas e linguísticas. Logo lembro de três grandes vozes femininas que me guiaram nesse périplo de iniciação plurilíngue: a italiana Amelia Rosselli e sua poesia apátrida; a russa Marina Cvetaeva, com sua maravilhosa carta de 1932, escrita em francês, “Meu irmão feminino: carta à Amazona”, na qual a autora fala do amor proibido entre duas mulheres; e a suíço-húngara Agota Kristof, em especial seu breve e intenso relato autobiográfico “A analfabeta”: três mulheres migrantes, justamente, que transformaram a experiência biográfica da migração em fértil processo criativo, numa escrita que se desdobrou, se multiplicou em mais línguas e mais direções.

Porque se é um fato que faltam, na tradição literária ocidental, personagens femininas que encarnam o modelo da heroína caminhante, que descobre o mundo e sua interioridade na medida em que se perde na selva escura da vida ou da cidade (seja esta a Dublin de Bloom ou a Paris de Baudelaire) – à exceção das amazonas –, é também verdade que, na vida real, o processo migratório das últimas décadas – e sua narração – tem claramente rosto e voz femininos.

A leitura dos livros de Agota Kristof, em especial, me fez refletir sobre meu processo de escrita plurilíngue. Assim como é o caso de Kristof, são muitas vezes as mulheres as que constituem a espinha dorsal das diásporas contemporâneas, as que carregam as línguas de origem para partilhá-las com os filhos, alimentando o fogo da cultura. E que, às vezes, passam a escrever na língua de chegada. Não são, pois, como as Penélopes clássicas, e sim como Mollys que dizem “sim” para os acontecimentos da vida – um pouco traidoras, como a própria Molly, pois traem a tradição e a língua materna. Quer por necessidade, quer por vontade ou porque está à vontade num território sem fronteiras traçadas pelas convenções internacionais (que possam ser revistas de acordo com os interesses em jogo). Recentemente traduzi em português algumas obras de Kristof, que devem ser publicadas em breve no Brasil, e dessa experiência

nasceram alguns poemas, um dos quais proponho aqui para vocês (na versão portuguesa que já foi publicada):

a língua inimiga entra
pelos ouvidos e escorre
até à aorta

ali espera e rosna

um cão que sabe
o estranho à espreita
atrás da porta

nessa língua feita cão
que ladra
e rói o osso
da língua morta

a operária húngara
escreve seu caderno
como uma Penélope,
mais uma,
ela própria no exílio
tecendo
sua mortalha:

Agota Kristof
espera
a volta da língua
sacrificada,
a certeza da escrita
como única casa

rascunho eterno
numa língua torta

Também procuro, à minha maneira, deslocar os horizontes dos meus leitores, ainda que minimamente, e o faço utilizando uma “língua torta” – por que não? –, falando de uma realidade que talvez não seja tão clara naquelas latitudes, cruzando as perspectivas.

Foi intencional, por exemplo, a escolha da língua portuguesa para o livro de poemas publicado em São Paulo em 2020, *O mundo mutilado*, cujo tema central é a migração e a emergência humanitária do Mediterrâneo. Um tema pouco “visto” no Brasil, tão absorvido por seus problemas seculares. O resultado quiçá foi aquele de introduzir com a força oblíqua da poesia um olhar mais atento e sensível para a realidade de milhões de pessoas que partem do próprio território à procura de outras terras. Milhões de odisseias humanas.

Para além da minha viagem biográfica (sem dúvida menos interessante), existe outra, mais densa, que é justamente aquela que realizo na língua, isto é, a tentativa de entrar no universo do outro com seus instrumentos para deslocar seu olhar, renovar as aporias e as perplexidades. E para encontrar parcialmente a mim mesma na fragmentação dessa presença.

Minha pequena grande odisséia não termina ao chegar, quando largo a mala cheia de livros num canto da sala; ao contrário, é talvez nesse momento que começo a viajar pra valer.

É claro que no gesto de adotar a língua do outro para construir, dentro dela, outra casa possível, uma casa poética e humana, há elementos teóricos a serem discutidos e mudanças de paradigmas sugeridas nessa sobreposição de vozes e leituras “não-maternas” sobre o tecido literário e social de uma cultura. Como minha contribuição hoje se pretende mais a ser uma reflexão poética do que um estudo teórico-analítico, me limitarei a levantar algumas dessas questões, instigantes e urgentes, a serem abordadas pelos teóricos e críticos literários, quando confrontados com a crescente presença de poetas migrantes que escrevem poesia em mais de uma língua, e principalmente quando isso acontece no território de chegada delas, na reinvenção da pele através da língua do outro.

A existência de uma língua nacional “canônica” mais ou menos permeável às suas variações orais ou dialetais é elemento crucial para entender o grau de tolerância ou compreensão com a qual a chegada de uma poética misturada e plurilíngue (atravessada por outras línguas e dimensões) é recebida, escutada, considerada como contribuição relevante para a revisão constante do campo literário – algo que é ou deveria ser movediço e em constante adaptação, de acordo com as mudanças sociais, linguísticas e epistemológicas em curso numa determinada cultura que definem, pois, o gosto literário e o grau de abertura e de diálogo com o mundo.

Outra questão relevante para o debate atualíssimo que envolve a produção de uma escrita plurilíngue tem a ver com o campo de atuação da tradução e como esse universo lida com obras escritas primeiramente em língua estrangeira, cujos autores traduzem a si mesmos para o português. Quais são as implicações teórico-estéticas envolvidas nesse processo? Qual fricção esses textos provocam na cena literária “nacional”, tanto a da origem quanto a da chegada? A origem autoral (nacionalidade) é suficiente para determinar a ligação da obra a determinada tradição literária? E o que acontece com poetas brasileiros que vivem toda a vida fora das fronteiras nacionais, mas guardam a língua portuguesa como língua literária?

Essas e outras questões atravessam tanto quem escreve hoje em mais de uma língua quanto quem se debruça sobre essa produção poética: a fricção que a presença de outros mundos linguísticos e culturais exerce em uma língua que os “hospeda” faz com que essa língua poética se metamorfoseie em outra coisa, nova, movediça, o que me parece hoje um dos aspectos mais instigantes e poderosos no que diz respeito ao campo literário contemporâneo; a criação de uma nova língua, composta pelos vestígios e resíduos de outras línguas e experiências subjacentes, alheias, “estrangeiras” ao universo cultural que as recebe.

Assim como foi com a primeira palavra proferida pelos homens, ou como está acontecendo pela revisão, muitas vezes mal interpretada, do “lugar de fala” dos que ao longo da história estiveram representados como “objetos de fala” (mulheres, negros, comunidades de pessoas trans etc.), a decisão de escrever na língua do outro, ou melhor, escolher escrever em mais de uma língua (em mais de uma *langue d'écriture*) constitui um gesto que desafia uma ordem estabelecida do cânone literário, que se define ou a partir da nacionalidade do autor ou a partir da “língua” como elemento unificador de uma hipotética “pátria”. Nesse sentido, me parece muito promissor pensar em mulheres que resolvem desafiar essas noções e relativizam a noção de pátria (com tudo aquilo que historicamente e em termos jurídicos está relacionado ao termo) ao reivindicarem para si uma pluralidade de pátrias, ou melhor: ao tornarem possível um matriarcado mutante, adotivo e – por que não? – traidor dos valores mais caros à moderna noção de “pátria”.